

SILVA, Jefferson Ildefonso da Silva. **Formação do educador e educação política**. São Paulo: Cortez, 1992.

Tratar da questão da formação política do educador foi sempre uma tarefa espinhosa. O tema propicia resvalar pelo proselitismo ou pela superficialidade. Em tempo de "pós-modernidade" o desafio é ainda maior, pois navega-se contra a maré cheia da desesperança e descrédito que tem caracterizado a vida política no nosso país nos últimos tempos. Divergências teóricas, políticas e ideológicas à parte, o livro de Jefferson I. da Silva enfrenta esse desafio com muita coragem e torna-se indispensável recorrermos a ele para travar a luta de idéias no campo de nossos cursos de graduação e de formação de educadores.

Denunciando os falsos dilemas "professor ou educador" "vocação ou profissão", o autor os dilui para tratar da questão da formação do educador "para além do âmbito pedagógico ou individualista", situando-a na perspectiva de uma proposta e teoria pedagógica que incorpore "o caráter político da prática pedagógica e sua dependência da práxis social global, onde se dá a luta hegemônica das classes".

O autor retoma o sentido de intelectual tal como o encontramos no pensamento de Gramsci. A partir da afirmação de que "a ação do educador, como prática educativa tem um caráter intelectual, na medida em que se efetiva pela mediação do conhecimento e da formação das consciências", o autor passa a analisar sua função social em uma sociedade de classes. Ao demonstrar a natureza intelectual da atividade educativa e sua função na direção e organização das camadas sociais, caracteri-

za o educador como intelectual dirigente, no sentido dado por Gruppi, citado pelo autor: "Dirigente é quem possui uma especialização cultural, ao mesmo tempo, uma visão do processo histórico no qual se insere sua especialização. Assim, avalia enquanto político a sua própria posição na sociedade e atua politicamente no processo social, tornando sua presença mais incisiva precisamente graças a sua especialização".

As reflexões do texto procuram mostrar que a função dirigente do educador não é um atributo social dado pelo caráter de sua atividade — de especialista ou técnico — mas é uma conquista que caminhará juntamente com a conquista da escola pelas organizações de trabalhadores. O texto discorre com clareza sobre o tema do professor enquanto criador e difusor da ciência, organizador e difusor de conhecimentos e enquanto intelectual dirigente.

Com esta compreensão, questiona também a preparação atual deste profissional, colocando novos desafios para a sua formação, capaz de prepará-lo para atuar como intelectual dirigente, com clara consciência política, em condições de pensar criticamente a realidade e se manter vinculado à classe explorada da sociedade — os trabalhadores —, comprometido com suas lutas e auxiliando-a em seu pensar crítico sobre a realidade.

A partir desta compreensão, qual é a perspectiva que se coloca para a formação do **educador dirigente**? O autor afirma que a "questão da formação do educador desviou-se do pólo estrutural pedagógico — onde se coloca prioritariamente a estrutura

dos cursos a ser reformulada — para centrar-se no conteúdo e na prática da formação política, tornando a reformulação dos cursos apenas um instrumento facilitador ou uma consequência da preocupação primeira".

Assim, destaca a **formação da consciência**, formada através de determinadas bases das práticas pedagógicas e da prática política, como o objetivo primordial da formação do educador. Analisando o processo de desenvolvimento da consciência do educador, distingue três etapas ou níveis de consciência que se definem historicamente no contexto das várias tendências e correntes da educação.

A **consciência romântica**, revelada pelo otimismo pedagógico e marcada pela tendência do humanismo, centrada na crença das potencialidades da natureza do indivíduo. O autor alerta que esta tendência está de volta na tentativa de contrapor a intencionalidade e a subjetividade à objetividade da ciência e da técnica. É a crença na suficiência da ciência e da prática pedagógica que realizariam, por si, o político, dispensando a consciência política.

Este estágio romântico não é suficiente para a formação do educador dirigente; é necessário ultrapassá-lo. Uma outra etapa ou nível da consciência é aquele que permite ao educador compreender seu trabalho pedagógico em relação com o trabalho produtivo material do sistema de produção. É a **consciência sindical e profissional**. Esta consciência passa pela compreensão do educador como profissional do ensino — compreensão que não se reduz à sua dimensão técnica — capaz

de apreender criticamente as finalidades do trabalho educativo como trabalho produtivo e os rumos políticos do processo social. Este nível de consciência é ainda corporativo, reivindicatório e exige ser superado.

Com a **consciência política** o educador ultrapassa as lutas corporativas e reivindicativas desenvolvidas no interior das organizações sindicais da categoria, abre-se à luta política dos trabalhadores na direção da construção de uma nova sociedade. Esta opção política, a que o educador é levado ao assumir sua consciência política, só tem sentido enquanto significa uma "tomada de partido" diante da ambivalência da prática pedagógica. O autor destaca que a consciência política é "o objetivo máximo de toda a formação do educador".

O trabalho destaca a concepção de que a capacidade técnica necessária é definida e determinada pelo político. A formação da consciência política do educador é que vai permitir que o conhecimento seja científico e tecnicamente organizado segundo os interesses da classe trabalhadora, com a qual ele está comprometido, ligado, integrado.

Na tentativa de responder a "quem forma este educador", o autor discute os agentes e instâncias responsáveis pela formação do educador dirigente. A **escola**, uma destas instâncias, cumpre seu papel de primeiro agente da formação do educador, na medida em que propicia sua formação técnico-profissional, sua formação científica e crítica que lhe permite compreender a realidade histórica. A escola também forma politicamente ao propiciar, no seu interior, a vivência prática das contradições próprias da sociedade.

Mas a formação política do educador dirigente não se completa no interior da instituição escolar. Ela exige um estreito relacionamento com a classe trabalhadora, uma identificação, na prática política, com os interesses e valores dessa classe. É necessário ultrapassar a práxis cotidiana na direção de uma práxis revolucionária. A **prática política** permite ao educador experimentar uma nova prática, distante das práticas de sua classe de origem e de sua prática pedagógica estrita. Citando Marx e Engels, o educador deve se apropriar sem reservas das concepções proletárias, participando de suas organizações, de suas lutas, aprendendo com os trabalhadores.

A formação política do educador dirigente se dá também nas organizações **sindicais**. É na atuação sindical que o educador se vê enquanto categoria, vê-se marcado pelas relações de trabalho típicas da sociedade capitalista, em relação com os demais trabalhadores. Sua atuação nessa frente permite uma formação política superior, uma compreensão das raízes geradoras do próprio sistema de produção e trabalho capitalistas.

Por último, o autor destaca a importância do **partido político** na formação política do educador dirigente. É através da atuação no partido político que o educador participa da consciência de classe dos trabalhadores e adquire a dimensão social e política do seu trabalho e de sua inserção na construção de uma nova sociedade. Essa atuação cria a unidade e a coerência de sua atividade pedagógica com sua consciência política, traduzidas em ações pedagógicas e políticas com uma qualidade diferente. Esta, no entanto, é uma exigência geral, e não apenas para alguns dirigentes sindicais. A formação pelo partido

é uma formação ideológica, entendida enquanto determinada visão de mundo de determinado grupo social.

Finalmente, o autor destaca que essas instâncias não se sucedem "pela simples ultrapassagem de uma sobre a outra, mas se incorporam e se inter-relacionam dialeticamente, levando cada uma à maior expressão, ainda que entre elas perdure o conflito". O desenvolvimento da consciência de classe como um "novo determinante na formação do educador" nas palavras do autor, possibilita-lhe "uma forma de realizar sua vida profissional, concreta e historicamente participante da luta por uma ordem social mais justa e humana".

Fica em aberto, no trabalho, a questão de fundo que hoje é fundamental para determinarmos nossos parceiros na luta política pela transformação social: de que transformação social se fala? a qual projeto histórico está referido o trabalho? em que terreno se travam as lutas políticas necessárias para construirmos essa nova ordem social mais justa e humana?

Reafirmando as considerações iniciais, é importante destacar a relevância deste trabalho no contexto das discussões sobre reformulação dos cursos de formação dos profissionais da educação. Em tempos de descrença e desesperança provocadas pelos ventos da pós-modernidade e pelas quedas dos regimes socialistas, é muito gratificante encontrar um trabalho que tem a coragem de reafirmar a crença na ação política, sindical e sobretudo na participação partidária.

Helena Costa Lopes de Freitas
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)